

# O vazio como condição: um movimento de sentidos a partir do horror <sup>1</sup>

Lucília Maria Abrahão e Sousa (USP-RP)

## Resumo

*Falar dos discursos na contemporaneidade é tocar, de forma mais próxima ou longínqua, questões ligadas ao furo da linguagem, ao vazio e à violência. Esse texto intenta, a partir de conceitos de Freud e Lacan, compreender a relação entre das Ding e a linguagem para analisar a exposição "Hace falta mucha fantasía para soportar la realidad". Tal evento foi idealizado e exposto na Estação Atocha, em Madri, três anos após os atentados terroristas de 2004, que inscreveram cenas de horror em um local de passagem e larga circulação em horário comercial e que fizeram dançar, em um céu de palavras, o furo da morte.*

**Palavras-Chave:** discurso; furo; contemporaneidade; psicanálise.

---

<sup>1</sup> Agradeço imensamente a Gláucia Nagem e ao Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini, pela leitura crítica desse texto e pelos comentários preciosos que foram incorporados a esta versão.

## Um diário, a falta de/em si e a Coisa

*Só existem eu e esse vazio opaco*  
(Samuel Beckett)

*Sobre o nada, eu tenho profundidades.*  
(Manoel de Barros)

“Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e esta lacuna é tudo.” A página de um diário, escrito aos cinquenta anos quando suas principais referências afetivas (mãe, esposa, filho) já estavam mortas, instala algo de falta incessante. “Faltou eu mesmo” encerra uma condição que percorre toda a trama de Dom Casmurro na revisitação imaginária do que o narrador foi (ou teria sido, já que o relato dele é desenhado pelas mãos vigorosas da rememoração, sempre cúmplice da imaginação) em diferentes momentos de sua vida. A falta de si mesmo esteve sempre presente e foi preciso uma vida toda para nomeá-la e chegar ao seu núcleo duro, a impossibilidade da completude, as garantias sempre furadas e a provisoriedade de toda certeza. Ou seja, o dizer de Bentinho dá a ver e a sentir Isso, a Coisa, a falta que é puro inominável.

E diante Dela, é possível indagar: como tocar o inominável com palavras que tentam dar nome? De que modo dizer do que escapa a cada nova tentativa de contorno, deixando-se impreenchível? A partir de que dizer é possível uma aproximação (sempre capenga e, a despeito disso, tão necessária) com o vazio, com o que (a) parece como fronteira de e para o furo em tantas obras da literatura e das artes? Tocar o “faltou eu mesmo” é sempre tentativa em vão e, como sinaliza Clarice Lispector, é da ordem do imperativo de dizer e “conformar-se com a pobreza do dito”; é também da ordem de lidar com a angústia da folha em branco, cujo vazio faz latejar palavras que ali criam ausência e convocam o sujeito a dar um início, isso conforme Scherer (2011) apresentou oralmente em um evento. Ausência e vazio de dar uma continuação, acrescento.

Isto é, tocar em vão as esburacadas esta(s) palavra(s) que tentam tatear e driblar a Coisa, fazedora de atordoamentos em tantos artistas, escritores e teóricos da linguagem, e que foi estudada e formalizada por Freud e Lacan, ambos lançados à radicalidade do vazio, cada qual à sua moda e a seu tempo. Ao longo deste texto, entrego-me à tarefa de dizer sobre Ela (e também do quanto me faltou a mim mesma), tecendo apontamentos sobre a tessitura dos conceitos de Das Ding na obra dos dois psicanalistas citados. Essa aventura não é sem consequências, sei disso. Ainda assim, tento dar borda ao que persiste e que o narrador de Machado coloca na voz de seu narrador: “essa lacuna é tudo”.

Quando Freud ([1895], 1977) introduziu o conceito de *Das Ding*, ainda no início de seus trabalhos no *Projeto para uma Psicologia Científica*, pensava-a como “a lógica da origem” e também como “pólo excluído do aparelho psíquico”, algo que ficava fora dele. O então neurofisiologista (op. cit., p. 434) faz a aposta de que no aparelho psíquico haveria a existência de duas partes, “a primeira, que geralmente se mantém constante, é o neurônio a, e a segunda, habitualmente variável, é o neurônio b.” E explica que à primeira corresponde “o núcleo do ego e a parte constante do complexo perceptivo”, também definido como “neurônio a como a coisa”. Assim, esse neurônio apresenta-se constante, sempre em atividade, constitutivo do eu, ou seja, como algo interno e estrutural no aparelho. Essa zona se mantém sempre constante, presentificando o dizer do personagem machadiano.

Segundo Kaufmann (1996, p. 84), nesse momento Freud “constatou que a mediação do outro era indispensável para a percepção ou para renovar a experiência de satisfação”. Isso situa, no centro do funcionamento psíquico, uma presença permanente a dar resposta sempre sem garantias, já que há uma incompletude inicial, qual seja, o descompasso entre o grito do bebê e o que lhe é dado como resposta pelo Outro. Vejamos.

Outras percepções do objeto também – se, por exemplo, ele der um grito – evocarão a lembrança do próprio grito (do sujeito) e, com isso, de suas próprias experiências de dor. Desse modo, o complexo do ser humano semelhante se divide em duas partes, das quais uma dá impressão de ser uma estrutura que persiste coerente como uma coisa, enquanto que a outra pode ser compreendida por meio da atividade da memória – isto é, pode ser reduzida a uma informação sobre o próprio corpo (do sujeito). (FREUD, *Projeto*, [1895], 1977, p. 438)

Sobre isso, é possível explicar que o grito do sujeito recebe muitas respostas e elas terão (rearranjos de) retorno pela atividade da memória; ao lado disso, há algo coerente e que persiste “como a coisa”.

(...) o filhote do homem é privado de seu grito pelo Outro materno porque atribui ao grito proferido um efeito estruturante, convertendo-o em demanda. Do lado do sujeito, o grito recobre a sensação da qual jamais se saberá o que ela quis dizer (...) Como se vê, há aí algo de inominável; de fato, ninguém poderá dizer se a percepção é em cada uma de suas reiterações a mesma que a primeira, e o mesmo se aplica à experiência de satisfação (...) *Das Ding* é o que – no início da organização do mundo no psiquismo (...) – se apresenta e se isola como o termo estranho. Essa estranheza da Coisa engendra a tendência a reencontrar, mas, dirá Lacan esse objeto ‘perdido’ nunca esteve perdido mesmo que se trate de reencontrá-lo. Essa posição remete ao impensável da origem, daquela do significante e portanto da impossibilidade do gozo para se dizer. (KAUFMANN, op. cit., p. 84 – 85)

O que ficou apenas insinuado por Freud será mote e investimento para Lacan. Ao longo do *Seminário, Livro 7*, ele se debruça sobre o conceito freudiano de Das Ding, explorando-o em muitas formulações e definindo-o como instância que fica no centro, “no centro, no sentido de estar excluído” (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 89). Trata-se do Oco “ao que existe de aberto, de faltoso, de hiante, no centro do nosso desejo” (LACAN, op. cit., p. 104), e que não se completa, tampouco se fecha, mas configura-se em retornos e desencontros:

(...) o que se trata de encontrar não pode ser reencontrado. É por sua natureza que o objeto é perdido como tal. Jamais ele será reencontrado. Alguma coisa está aí esperando algo melhor, ou esperando algo pior, mas esperando. (...) é esse objeto, Das Ding, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. (LACAN, op. cit., p. 68).

Isso dá a dimensão de uma perda primeva, ou seja, algo que o sujeito perdeu sem nunca ter tido, pois “o objeto é, por sua natureza, um objeto reencontrado. Que ele tenha sido perdido é a consequência disso – mas só-depois. E, portanto, ele é reencontrado, sendo que a única maneira de saber que foi perdido é por meio desses reencontros, desses reachados.” (LACAN, op. cit., p.145). Tal Oco não pode ser suturado nunca, por isso Ele produz lançamentos em direção a tentar “encontrar o que se repete, o que retorna e nos garante retornar sempre ao mesmo lugar” (LACAN, op. cit., p. 94), lançamentos a que o sujeito se entrega, e cujo resultado é sempre furado e submerso em espirais incompletas. Lacan atribui a Freud o início das formulações sobre Isso, colocando-o como o fundador de uma investigação que tateia o abismo.

(...) Freud, precisamente, coerente consigo mesmo, indica aí, no horizonte de sua experiência, um campo onde o sujeito, se ele subsiste, é incontestavelmente um sujeito que não sabe, num ponto de ignorância limite, se não absoluta. É esse o nervo da investigação freudiana (...) um ponto de abismo (...) esse ponto que lhes designo alternativamente como sendo o do intransponível ou o da Coisa. (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 255)

Irrealizado, intransponível, perdido, trata-se justamente de fenda, hiância, fissura e rasgo inscritos pela perda do corpo da mãe e pela interdição do incesto. Perda que nunca mais pode ser suturada, visto que é anterior a todo recalque (LACAN, op.cit., p. 70). Daí a Coisa engendrar uma falta (falta a si e em si-mesmo em Machado, falta-a-ser em Lacan no *Seminário, Livro 11*), um Oco que não cessa de se fazer presente e que se rende frente à pobreza de toda a palavra, pois “a Coisa, esse vazio, tal como se apresenta na representação, apresenta-se efetivamente, como um nihil, como nada.” (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 148). Talvez por isso, Bentinho tenha marcado, em vários momentos do seu diário, a

impossibilidade de a língua definir uma saída para o vazio e de condensar ou alcançar seu sentimento, seu pensar e seu interior.

“Quis insistir que nada, mas não achei língua.” (ASSIS, s.d., p. 33)

“Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua.” (ASSIS, op. cit., p. 75)

“Mas a vontade aqui foi antes uma idéia, uma idéia sem língua, que me deixou ficar quieta e muda.” (ASSIS, op. cit., p. 80)

“Outra vez me fugiram as palavras que trazia.” (ASSIS, op. cit., p. 81)

“Hoje, que me recolhi à minha casmurrice, não sei se ainda há tal linguagem.” (ASSIS, op. cit., p. 210)

Todos estes recortes materializam algo impossível de ser dito em sua essência de furo, seja pelos momentos de solidão, desespero, desamparo, seja até mesmo pelos encontros com alegria e/ou morte. A língua não dá conta de abrigar e conter essa Coisa, apenas contorná-la; as palavras faltam diante do que é absoluto vazio e o simbólico aparece vergado em seu des-poder, enfermo de potência e rendido a uma condição de não-todo. Temos, então, o inominável que “essa Coisa, o que do real – entendam aqui um real que não temos ainda que limitar, o real em sua totalidade, tanto o real que é o do sujeito quanto o real com o qual ele lida como lhe sendo exterior – o que, do real primordial, padece de significante.” (LACAN, [1959-1960] 2008, p. 144). E esse padecimento de significante instala o efeito de incurável e irremediável, que coloca a linguagem também em um lugar furado e impotente, pois a Coisa “(...) é de alguma maneira desvelada com uma potência insistente e cruel.” (LACAN, op. cit., p.196) e Ela pode “ser definida por isto – ela define o humano, embora, justamente, o humano nos escape. Neste ponto, o que chamamos de humano não poderia ser definido de outra maneira senão por aquela com a qual defini, há pouco, a Coisa, ou seja, o que do real padece de significante.” (LACAN, op. cit., p. 152).

Ao longo do *Seminário - Livro 11*, Lacan retoma o trabalho em torno de “Algo que é da ordem do não-realizado” (LACAN [1964] 1973, p. 28), cuja materialidade se dá a ver em “tropeço, desfalecimento, rachadura (...) dimensão de perda” (LACAN, op. cit., p.30). Perda sinalizadora de Das Ding, pois “A ruptura, a fenda, o traço da abertura faz surgir ausência – como o grito não se perfila sobre fundo de silêncio, mas, ao contrário, o faz surgir como silêncio.” (LACAN, op. cit., p.31). É interessante marcar que esse silêncio (em que a palavra não entra, não cabe, não comparece, e esse núcleo duro que ela não consegue tocar) surge exatamente com a presença da palavra, é a língua que instala o vazio, ou melhor, é dizendo e repetindo que algo se inscreve para além de manco,

roto e capenga, instala-se como impossível. Assim, apenas o dizer coloca o sujeito em contato com o que não pode ser dito, enfim com o real; e o psicanalista francês assegura que tal experiência com o real é radicalmente encontrável na análise: “Nenhuma práxis, mais do que a análise, é orientada para aquilo que, no coração da experiência, é o núcleo do real” (op. cit., p. 58).

Lacan (op. cit., p. 159), ao longo deste Seminário, avança na direção de definir o real nos seguintes termos “o oposto do possível é seguramente o real (...) o real como impossível”, com cujo encontro abre-se um para-além.

O real está para além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer. O real é o que vige sempre por trás do autômaton, e do qual é evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida. (LACAN, op.cit., p. 56)<sup>2</sup>

O que insiste em repetir-se, em mais uma volta de dizer, funciona como abridor de nova hiância, como porto de passagem para outra maneira de encontrar a Coisa; e aqui está o traçado do que Lacan (op.cit., p. 63) define como a repetição no jogo do Fort-Da, cujo fio do carretel sustenta a aventura até o lugar sempre vazio, aquele onde só existe a sombra de uma presença, a passagem de alguém ausente.

A hiância introduzida pela ausência desenhada, e sempre aberta, permanece causa de um traçado centrífugo no qual o que falha não é o outro enquanto figura em que o sujeito se projeta, mas aquele carretel ligado a ele próprio por um fio que ele segura (...) (LACAN, op.cit., p. 63)

Falar em hiância, falta, vazio, repetição, fenda e fissura toca o conceito de inconsciente “tal como Freud inventou e como Lacan releu mobilizando articulações com a Linguística, Lógica, Topologia” (NAGEM, 2012, s. p.). Entretanto, faz-se necessária uma distinção entre Das Ding, instância do inominável e do real, e inconsciente, ordem da hiância tal como proposta acima, apontadora da fenda e indicativa do não-realizado em movimentos denunciadores de um sempre-retorno ao que não se fecha nem se conclui. Definido como repetição (já que o objeto perdido jamais pode ser reencontrado), o inconsciente não pode ser acessado diretamente, isto significa que sonhos, atos falhos, tropeços apenas apontam-no. Por exemplo, a partir de um sonho e da cadeia significante que lhe dá roupagem em relato no só-depois, é possível fazer retornar e retroagir o inconsciente. Por conta desse traço perdido e fugidio, Lacan (op. cit., p. 29 - 30) afirma que o que chama atenção ao analista é “o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. Tropeço, desfalecimento, rachadura. Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente”.

<sup>2</sup> Não discutirei aqui as noções de tique e autômaton, nem de princípio do prazer e da realidade, pois não são o foco deste trabalho.

Está aqui definida a ordem do inconsciente freudiano – e o nosso –, como a condição do não-realizado, do não-nascido, do não-apreensível,

O que, com efeito, se mostrou de começo a Freud, aos descobridores, aos que deram os primeiros passos, o que se mostra ainda a quem quer que na análise acomode por um momento seu olhar ao que é propriamente da ordem do inconsciente, - e que ele não é nem ser nem não-ser, mas algo de não-realizado. (LACAN, op. cit, p. 35)

Isso Baldini (2012, s. p.) irá definir poeticamente como “um parto que não se realiza nunca.” Ou seja, o inconsciente está no domínio da hiância, produzi(n)do pelo que não se conclui, não se realiza completamente a não ser pela via de uma abertura e um fechamento rápidos, sinais de evanescência de algo sempre prestes a escapar de novo. Sobre isso, Lacan ([1964] 1973, p. 30) desenha a noção de reachado: “Ora, esse achado, uma vez que ele se apresenta, é um reachado, e mais ainda, sempre está prestes a escapar de novo, instaurando a dimensão da perda”, ou melhor, “a função estruturante de uma falta” (op. cit., p. 33).

No “não-nascido”, no “evasivo”, “no um da fenda” (todas maneiras de Lacan referir-se ao inconsciente), enlaça-se a instância da rachadura, orbita a inscrição da fenda e faz falar a causa do desejo humano (e do dizer). Por ser assim, o inconsciente é pura evanescência no rosto do instante, o que o faz diferente de *Das Ding*, esfera do inominável e do real como coloquei anteriormente.

Nessas articulações teóricas, vejo escancarado o “falso eu mesmo” do narrador machadiano, uma condição que traceja o caminho do sujeito sempre sustentado pelo real, isto é, por algo que se ausenta em si, ou melhor, ao modo da citação lacaniana (LACAN, [1964] 1973, p. 158): “(...) o caminho do sujeito passa entre duas muralhas do impossível”. E nessa trilha (árdua, por sinal) de trombar com o real e com as muralhas dele, resta ao sujeito fazer contornos, pespontando borda no desejo, pois “um desejo, o cercamos” (LACAN, op. cit., p. 240), e apenas isso, o cercamos para que o centro fique oco, vazio, intactamente ausente.

Nos dois Seminários, Livros 7 e 11, estudados até aqui, *Das Ding* e real são definidos como constantes na constituição do sujeito, permanecendo intactos como furo cujo tamponamento, por meio de dizeres, explicações e teorias, nunca se dá; isto é, a lacuna amplifica-se constante e estampada em tudo o que o humano toca. Saída e chegada no/pelo furo, e o sujeito fica situado justamente no intervalo entre estas duas pontas, espaço de seu dizer sempre incerto e vazado pelo que não alcança o alvo, e nunca alcançará. Um intervalo oco, inominável e impreenchível que promove o impulso à voz e à arte, que abre campo para o sujeito poder desejar sem, contudo, realizá-lo inteiramente; um vazio no centro em torno do qual o sujeito dá seus rodopios e bailados, faz seus passes

de jogador com suas palavras, dribla a secura de sua condição, fazendo bordados em idas e vindas, em espirais de repetição e ruptura e em giros de dizeres sobre a Coisa. E é isso que percebo intensamente na exposição que será analisada a seguir.

*“Hace falta mucha fantasía para soportar la realidad”,  
turbilhão e furo em exposição*

*Tudo é dar-lhe uma idéia e encher o centro que falta.  
(Machado de Assis)*

*Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome.  
(Hilda Hilst)*

Em 11 de março de 2004, uma série de atentados terroristas explodiu quatro comboios da rede ferroviária Atocha, em Madri, capital da Espanha. O acontecimento, denominado 11-M, assolou o horário de pico da manhã de vários cidadãos, que normalmente estão em trânsito para o trabalho ou estudo, e foi considerado o maior atentado da história do país, totalizando 191 mortos, além de 1700 pessoas feridas. Dez explosões simultâneas com bombas sacudiram a normalidade do serviço de transporte e abriram uma ferida no país, recolhido primeiro ao salvamento de vítimas, depois à dor e ao luto de mortos, e, em seguida, a diversas passeatas em memória das vítimas com pedidos pela paz. Na época, o governo espanhol atribuiu a autoria ao grupo ETA, visto que o tipo de explosivo era normalmente utilizado por ele; no entanto, o grupo islâmico Brigadas de Abu Hafs Masri reivindicou a autoria do atentado à Al Qaeda.

Não é do meu interesse aqui tecer uma análise geopolítica do fato e de seus desdobramentos, até porque o terror é da ordem do real e, diante de ambos, as palavras se curvam pequenas e silentes. A morte é um dos rostos mais nítidos da Coisa, significante perdido. Mas, como Lacan nos mostra, a resistência e o gesto de fazer borda ao vazio são possíveis ao sujeito, e é isso que me parece denso, poético e sublime na exposição *“Hace falta mucha fantasía para soportar la realidad”*<sup>3</sup>, levada a termo por cinco arquitetos que, durante dois anos e meio, construíram o monumento em memória às vítimas do 11-M. “Esaú Acosta, Raquel Buj, Miguel Jaenike, Manu Gil-Fournier y Pedro Colón de Carvajalel, del estudio FAM (Formidable Aroma a Manzana) han sido los encargados de realizar el monumento del 11-M en Atocha inaugurado con motivo del 3º aniversario de los atentados”. O monumento é composto por “un cilindro de vidrio de once metros de altura en el que se leen mensajes anónimos relacionados con el atentado, pero está diseñado para verse desde dos metros de profundidad, desde una

<sup>3</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=lfGwa-XHLtOk>

habitación azul cobalto a la que se accede a través de una mampara y en cuyo centro hay un foco de luz blanca. Para entender el monumento, hay que ponerse en ese foco y mirar hacia arriba.”<sup>4</sup>

Do lado de fora, o monumento fura o espaço como a produzir o efeito de uma lança invasora do vazio do céu e do próprio prédio da estação Atocha. Ergue-se inteiro e fechado em uma construção que salta, aponta, estira um bloco ereto e se endereça ao alto. Esse cilindro de vidro, que fura o nada do espaço, faz o vazio aparecer também dentro dele, ao modo que já foi dito aqui sobre a linguagem. Olhando-o de fora, não se tem o imenso do efeito de furo que ele guarda dentro de si, mas vê-se que, no desenho arquitetônico do plano da estação Atocha, tão assentado em linhas retas, uma torre salta para/por fora e enfia-se para dentro da estação. Duas pontas ficam amarradas e alinhavadas, já que fora e dentro constituem um bloco só, ou seja, um elo de continuação desse monumento.



Fig. 1: O monumento

<sup>4</sup> <http://arquitecturainteligente.wordpress.com/2007/03/14/formidable-aroma-a-manzana/>

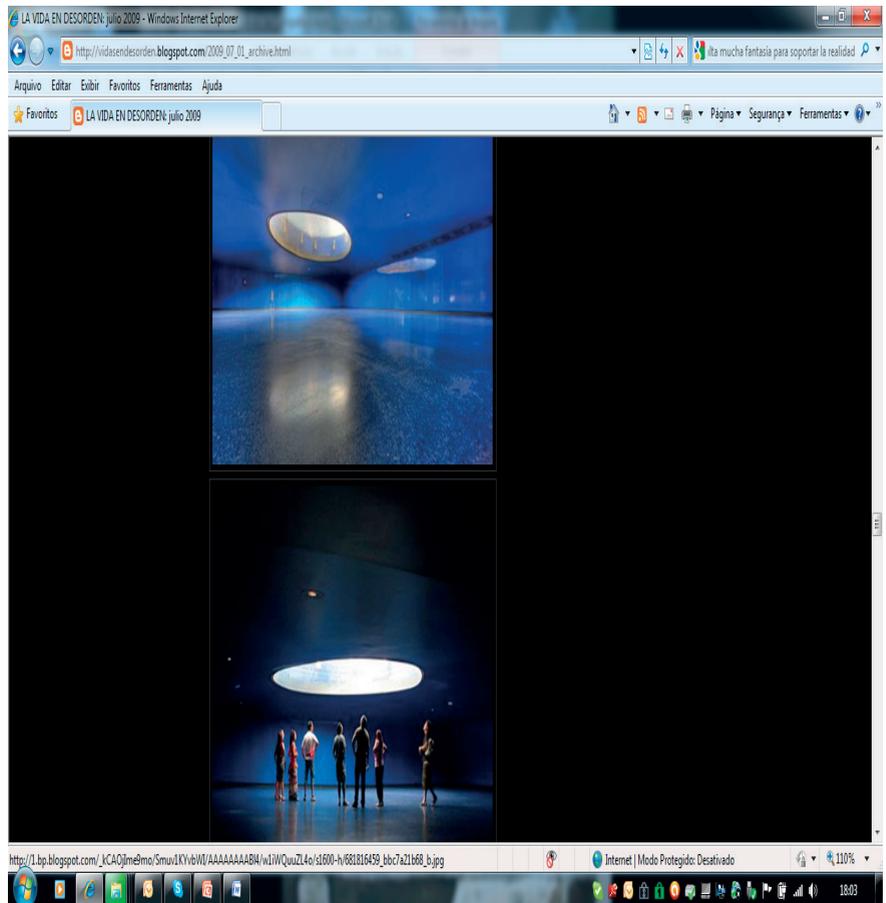


*Fig. 2: O monumento visto de fora da estação*

Quando visto do lado de dentro, uma (a)tocha de luz fura o teto da estação, produzindo efeitos de facho, passagem e fenda, convidando o visitante ao deslocamento de colocar os olhos para o alto, o corpo em posição de menoridade, assim, o buraco ganha estatuto maior, atravessa o dentro/fora, que persiste em ficar oco, sinalizando palavras e o oco céu.



*Fig. 3: O monumento visto de dentro da estação*



*Fig. 4: Visitantes do monumento*

Vendo no olho do furo, o aberto permanece constante como fundo sem fundo, inapreensível e impossível de tocar. No miolo de todas as palavras, frases e mensagens anônimas escritas após o atentado e dis-postas em espiral no monumento, há um ponto de falta incondicional, superfície constante, estrutural e insistente ao modo de uma metáfora visual do que presentifica Das Ding. É em torno desse buraco (e do pedacinho vazado de céu que ele materializa) – oco que não cede – que os dizeres dançam em diversas línguas, espanhol, francês, inglês, árabe, italiano dentre outras, preservando no centro algo que não pode ser dito nem alcançado. Algo que faz acontecer o vazio.

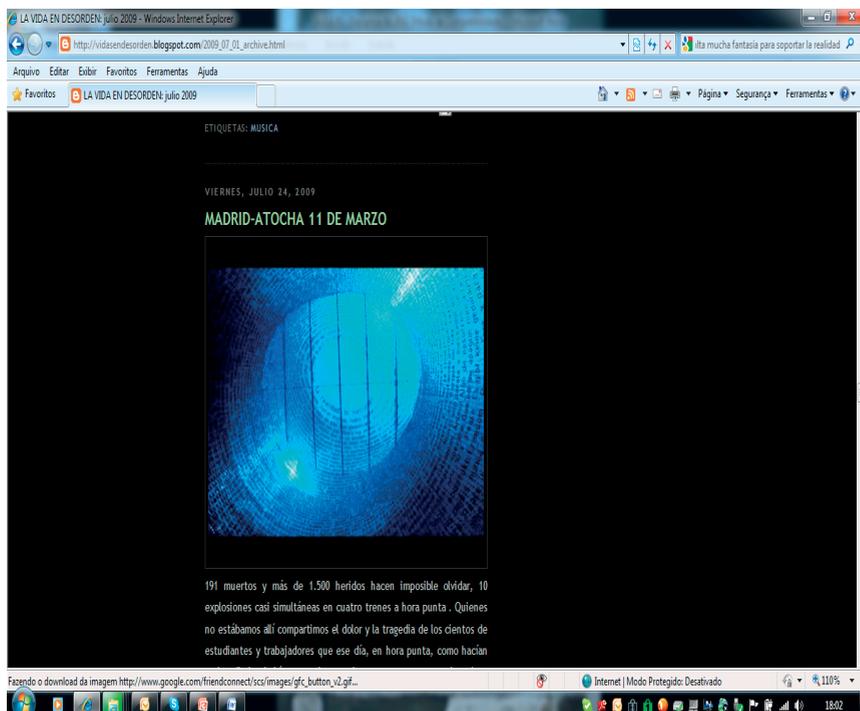


Fig. 5: A vista do monumento por dentro

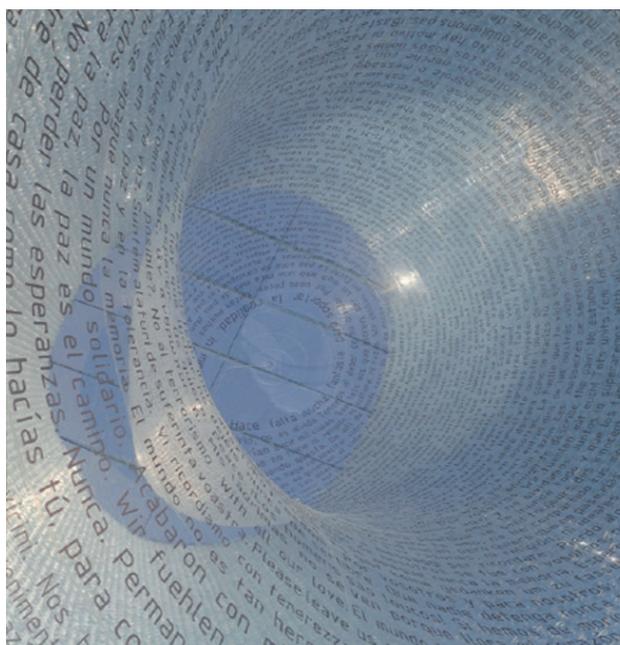


Fig. 6: Outra tomada de dentro do monumento

Por que há esse centro, o turbilhão se monta e mantém-se em espiral nas tentativas de simbolizar o próprio vazio. O contorno de dizer(es) apenas faz borda, ampara e dá margem a esse oco que é o céu; e aqui relembro um jogo de infância que constava de encontrar figuras humanas, mitológicas e bichos nas nuvens, ou seja, no formato de borda que elas davam a ver. O azul-vazio do

céu era preenchido pelas nuvens que inscreviam espaços de beirada para o oco - uma orla para conter o imenso – pois o todo-azul mantinha-se chapado, constante e inteiro. As nuvens aí faziam extremidade de superfície, esburacavam o todo com seus desenhos em branco e cinza e, por alguns momentos, diziam da presença evanescente de um tigre, um gigante ou rei. Presença efêmera posto que sempre em movimento. Assim, o nariz de um animal transformava-se em parte da torre de um castelo para, minutos depois, dar a ver a trança da menina. A nuvem, borda ao/do vazio do céu, dava forma gráfica no tecido do ausente, apresentava o fur(ad)o e desfazia-se de inteireza tão logo pudéssemos ver algo. Isso tem relação com a função do inconsciente nos termos do que Lacan ([1964] 1973, p. 35) coloca a seguir: “(..) é a fenda por onde esse algo, cuja aventura em nosso campo parece tão curta, é por um instante trazida à luz – por um instante, pois o segundo tempo, que é o fechamento, dá a essa apreensão o caráter evanescente.”

O mesmo parece fazer funcionar o monumento: as palavras fazem moldura ao vazio deixado pela morte de tantos madrileños e dançam criando campo para que o furo permaneça no centro e possa permitir dizeres em espiral. E à medida que se lê uma formulação, as outras se dissolvem no giro da espiral. Esse furo, que estabilizado se mantém presente e inalterado a despeito dos dizeres em movimento, indicia e realiza Das Ding, embora não o seja já que a Coisa é irrepresentável pela linguagem.

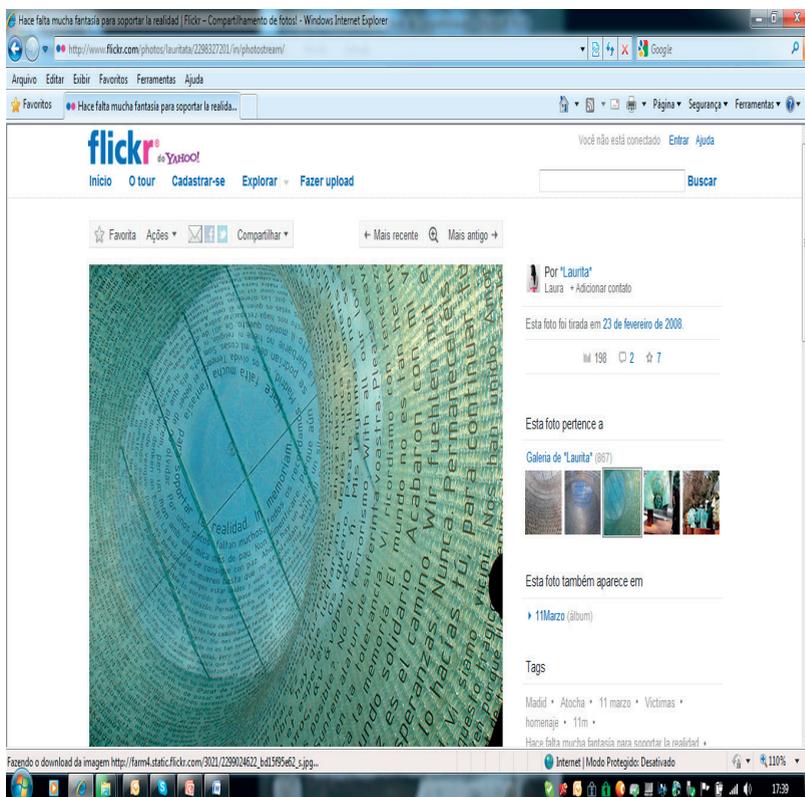


Fig. 7: Outro ângulo de visão do monumento

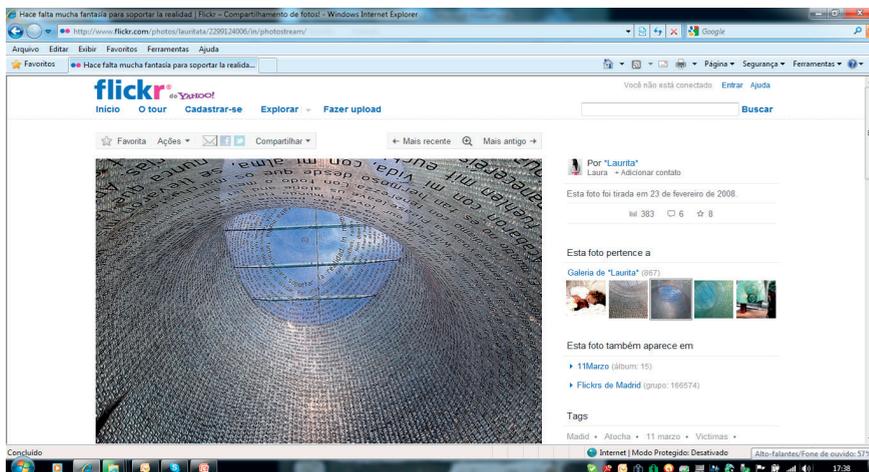


Fig. 8: O céu no fundo do monumento

O que fica fixado sempre, constante e coerente como afirmou Freud é o furo que, em não sendo tocado, faz tudo mover; este monumento realiza tal representação de *Das Ding*. Assim, os dizeres formam uma rede, um redemoinho que ampara o sujeito no sentido de dar forma aos seus arranjos significantes sempre atravessados e estruturados a partir de uma falta. A morte de vítimas em um atentado terrorista – e o horror do rosto violento do trágico inominável – emblematizam o cerne do vazio, o lugar de buraco que, pelo vidro, permite ver o céu. E céu aqui, para além de todas as colorações religiosas possíveis, me faz aqui relacioná-lo à metáfora de vaso, proposta por Lacan ([1959-1960] 2008, p.148) do seguinte modo:

O exemplo do pote de mostarda e do vaso permite-nos introduzir aquilo em torno de que girou o problema central da Coisa (...) o vaso é feito a partir de uma matéria. Nada é feito a partir de nada. (...) Ora, se vocês considerarem o vaso, na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto para representar a existência de um vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação, apresenta-se efetivamente, como um nihil, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como vocês para quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, *ex nihilo*, a partir do furo. (LACAN, [1959-1960] 2008, p.148)

Considero que o monumento M-11 funciona a partir do que Lacan coloca acima como nada, de tal modo que, a cada espiral de dizer, um volteio é dado e, exatamente por isso, o furo continua sustentado(r) no centro. Quanto mais o oleiro trabalha para a criação de um vaso novo, mais o vazio permanece intacto e estruturante para que o sujeito possa inventar-se, arriscar uma nova forma, dizer de outro modo e brincar mais um pouco com seus olhos. O visitante da exposição entra nesse monumento com seu corpo todo, expõe-se ao cilindro cheio e vazio em tons de branco e

azul, gira pelas beiras das lâminas de vidro e encaminha-se para dentro do turbilhão com dizeres imensos, que vão diminuindo à medida que se aproximam do fundo (fundo sem fundo); dizeres que vão dançando em círculos até chegarem ao centro onde não cabe palavra alguma, onde a língua se rende afogada no impossível. E, mesmo assim, muito foi dito sobre a morte dos madrileños, o absurdo da violência do atentado, a necessidade de convivência entre diferentes, os pedidos de paz; e porque muito foi dito, o Oco esteve/ está presentificado lá.

### **De falta e de ausência, curativos de vazio**

*Toda obra de arte é um curativo do vazio.*

*(René Passeron)*

*Por muito tempo achei que a ausência é falta. / E lastimava, ignorante, a falta. / Hoje não a lastimo. (...) / A ausência é um estar em mim*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

A falta de Bentinho, em Machado, sinaliza uma constatação dolorida, a perda do outro é passível de elaboração, mas a de si mesmo inaugura o reconhecimento da lacuna irremediável falada como insuportável em mais de um ponto da narrativa. Já no poema de Drummond, é possível ler deslocamentos dessa falta lacunar, dita problemática. Da ausência-falta para a ausência-estar-em-si, é de dizer em torno do furo que orbita toda a possibilidade de invenção na vida, na arte, na literatura.

Se o ausente (o Oco, a Coisa) sempre se realiza, resta ao sujeito a chance de inventar algo com Ele/ Ela, apontando que é possível criar (criar) um espaço íntimo de estar-em-si com Isso. Amassar o barro para fazer um pote, ajuntar as notas para compor uma sinfonia, reunir versos e alinhar um poema, inventar um desenho de exposição para colocar o horror dançando em um céu de palavras: em tudo isso, o buraco continua latejando e não cessa de produzir efeitos. Isso realiza Das Ding. E, não sem o mote das mãos vazias, eu encerro esse escrito, esforço de elaboração, pois depois de tantas palavras, o fecho é de ausências e de presença do Oco. De modo espirituoso, Lacan ([1964] 1973, p. 176) finaliza a lição XIV do *Seminário, Livro 11*. Tomo dele emprestadas pergunta e resposta: “Será que lhes trouxe algumas luzes com esta exposição? Algumas luzes e algumas sombras”.

### **Abstract**

*Speaking of discourses in contemporary touch is so closer or distant, issues of language to the hole, emptiness and violence. This text aims, from concepts of Freud and Lacan, understand the relationship between language and the Ding to analyze exposure “Hace lack mucha soportar*

*her fantasy to reality." This event was conceived and presented at the Atocha station in Madrid, three years after the terrorist attacks of 2004 that signed up scenes of horror in a crossing and wide circulation during business hours and they did dance in a sky of words, the hole death.*

**Keywords:** *discourse; hole; contemporary; psychoanalysis.*

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Mestres da literatura portuguesa e brasileira. Rio de Janeiro: Editora Record, s.d.

BALDINI, L. *Apresentação oral em cartel*. 2012.

FREUD, S. *Projeto para uma psicologia científica*. [1895]. Rio: Imago, 1977.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud a Lacan*. Tradução Vera Ribeiro, Maria Luiza X. de A. Borges; Consultoria Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LACAN, J. *Seminário, Livro 7 – A ética da psicanálise*. [1959-1960]. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

LACAN, J. *Seminário, Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964]. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

SCHERER, A. *Conferência durante a II Jornada do E-I@dis – Conceitos em rede*. Ribeirão Preto: FFCLRP/ USP, 2011.